

O Uso Indevido da Droga como um Fenômeno Social Contemporâneo

Ana Maria Müller de Magalhães

Professora: Escola de Enfermagem – UFRGS
Mestranda em Educação – PUCRS

Gisela Maria S. Souto de Moura

Professora: Escola de Enfermagem – UFRGS
Mestranda em Educação – PUCRS

Este estudo oferece informações básicas necessárias sobre a utilização indevida da droga entre os jovens, suas causas, efeitos e prevenções.

As informações contidas representam fundamentação importante para educadores e pais.

INTRODUÇÃO

O presente estudo se propõe a aprofundar o tema do uso abusivo de drogas entre os jovens adolescentes como um fenômeno social.

A escolha do tema foi motivada pelo grande vulto que assumiu o abuso de drogas em nossa sociedade e pela necessidade de discussão deste processo, principalmente entre os profissionais da educação e da saúde, que podem ter um papel decisivo na condução e tentativas de solução do problema.

O abuso na utilização de drogas provoca profundas alterações de comportamento em seus usuários. É um problema que alcança proporções mundiais, atingindo países ricos e pobres. As estatísticas indicam que, anualmente, as taxas aumentam.

Educação	Porto Alegre	Ano XIV	nº 21	1991	p.95-109
----------	--------------	---------	-------	------	----------

Este breve ensaio teórico busca fornecer informações básicas sobre o tema, importantes como conhecimento de vida para qualquer indivíduo e indispensáveis na formação do educador.

AS DROGAS E A ORIGEM DA DEPENDÊNCIA

Pode-se dizer que o uso de drogas não é nenhuma novidade da sociedade moderna; na verdade, trata-se de uma prática milenar cultivada por povos de diferentes culturas. Não existe sociedade de que não masque, engula, cheire, fume ou injete substâncias tóxicas e modificadoras do estado emocional.

Na antigüidade, o descobrimento dos efeitos estimulantes ou depressores das drogas era, muitas vezes ao acaso, resultante da curiosidade, sentimentos de descoberta e conquista, inatos à natureza humana. Outras vezes, a descoberta era dos feiticeiros, magos e sacerdotes, que se dedicavam ao estudo de maneiras de se comunicarem com os deuses e de curar os indivíduos de males físicos e espirituais.

MEDEIROS (1987, p.5), ao estudar o uso indevido das drogas, relata:

"As bebidas fermentadas, que hoje constituem grave fonte de dificuldades, têm história tão longa quanto a da própria humanidade. Feitas a princípio de tâmaras, figos, uvas, leite, mel, arroz, centeio ou cevada (no nosso continente, de milho e de mandioca), tinham fins muito nítidos: terapêuticos, mágicos ou místicos. Serviam para tratar males físicos, aliviar sofrimentos espirituais, restaurar energias, alegrar celebrações, conquistar graças dos deuses e purificar a alma. Ajudavam a elevar o espírito humano a planos superiores, facilitando o seu contato com entes poderosos invocados em cerimônias mágicas."

Segundo CHARBONNEAU (1988), até o fim do século XIX o uso de drogas estava pouco disseminado.

O uso de tóxicos relacionava-se a problemas cuja dimensão era pessoal e mostrava, geralmente, uma patologia individual. Neste período, o acesso às drogas estava reservado a pequeno número de pessoas, principalmente nos meios médicos e artísticos. Os artistas usavam drogas como fonte de encantamento, de inspiração e como

meio de alimentar sua sensibilidade. Uma das drogas preferidas era o ópio, sob forma de haxixe.

A partir da metade do século XX, o uso de drogas assume outras proporções, encontrando tolerância crescente na sociedade e ampliando seus fins. Qualquer dificuldade passou a justificar o seu consumo: insônia ou necessidade de ficar acordado, desânimo ou excitação, escassez ou demasia do apetite, excesso de responsabilidades ou falta do que fazer.

O grau de aceitação do uso de drogas, pela sociedade, varia de acordo com a droga, com a região do mundo, com o período da história, com o momento do consumo e com a percepção de suas conseqüências (incapacitação mental, física e sócio-econômica). No Brasil, por exemplo, observa-se a aceitação social da utilização do fumo e do álcool. Tais produtos são, ampla e abertamente, divulgados (TV, rádio, jornais e revistas) e comercializados. Por estranho que pareça, o interesse público parece ser muito menor com relação aos problemas e às incapacidades associados à dependência do álcool, droga socialmente aceita, do que com relação aos danos associados ao uso não médico de drogas menos conhecidas. É estranho porque a maioria dos problemas individuais, sociais e de saúde pública, relacionados com as bebidas alcoólicas, são bastante semelhantes aos que se verificam em decorrência do uso de outras drogas causadoras de dependência.

As palavras "droga" e "tóxico" vêm sendo utilizadas como sinônimos. Acredita-se ser indispensável apresentar algumas definições para melhor compreensão do tema.

A Organização Mundial da Saúde (apud CARVALHO, 1976) define "droga" ou "fármaco" como toda substância que, quando introduzida no organismo vivo, pode modificar suas funções. Elas podem causar excitação, depressão ou têm atividade alucinogênica, como por exemplo: anfetaminas (atividade excitatória), opiáceos, barbitúricos e álcool (atividade depressiva), e LSD e maconha (atividade alucinogênica).

Segundo ROCHA (1986), a palavra "tóxico" deriva do grego (*toxikon*) e, originariamente, significava "veneno de flexa". Atualmente, tóxico designa toda a substância que, se incorporada ao organismo, mesmo numa pequena quantidade, pode prejudicar a saúde ou causar a morte.

Ambas as definições enfocam a droga ou o tóxico como substâncias capazes de provocar alterações no funcionamento do organismo. É importante ter-se em mente que estes conceitos não se limitam a soluções injetáveis ou comprimidos, mas que também o fumo e o álcool estão incluídos nesta classificação.

Atualmente, o uso indevido das drogas passou a ser um problema social de vulto, atingindo dimensões nunca vistas e fomentando um mercado altamente lucrativo, que passou a ser disputado com violência. Isto ocorre em um mundo em rápida transformação, no qual, nos últimos anos, alterou-se muito o meio físico, bem como a forma de trabalhar e a própria vida social; parece ter como palavras de ordem *innovar* e *contestar*. Tudo vem mudando depressa, deixando aturdidos os que não conseguem atualizar suas informações nem criticar tantas novidades.

EFEITOS DAS DROGAS NO HOMEM

Como foi visto, a droga provoca alterações no funcionamento do organismo. A utilização freqüente desta substância leva à dependência. Existem dois tipos fundamentais de dependência às drogas: *dependência psicológica ou psíquica* (antigamente chamada de hábito) e a *dependência física* (anteriormente denominada vício).

Segundo CARVALHO (1976), a dependência psíquica apresenta as seguintes características:

- afeta o indivíduo psiquicamente, trazendo conseqüências e prejuízos à coletividade;
- não há desenvolvimento de tolerância;
- há desejo psicológico de usar a droga, mas não há compulsão incontrolável para seu uso;
- não provoca síndrome de abstinência quando a droga é retirada bruscamente.

A dependência física, para o mesmo autor, tem como características:

- afeta física, e psiquicamente o indivíduo, trazendo sérios prejuízos à coletividade;

- produz tolerância, levando os indivíduos a aumentarem gradativamente as doses;
- há compulsão irresistível para tomar a droga, levando o indivíduo a não medir conseqüências para conseguí-la;
- leva à crise de abstinência ou de privação característica de cada droga quando há interrupção brusca do uso da droga.

No que se refere ao efeito das drogas no organismo do homem, ROCHA (1986) diz que cada tóxico produz alterações orgânicas e psíquicas que lhe são peculiares.

Fumo — produz alterações funcionais no aparelho respiratório, circulatório e digestivo. Estas alterações são, inicialmente, imperceptíveis ao fumante, manifestando-se, posteriormente, com quadros bastante severos.

Álcool — atinge, principalmente, o fígado, as glândulas endócrinas e o sistema nervoso. Seu efeito mais grave é a perda do senso de prudência e da consciência (razão), tornando o usuário um irresponsável.

Maconha — age deprimindo o sistema nervoso central. Seu uso freqüente e prolongado pode provocar lesão cerebral, perda da capacidade mental e impotência sexual. Do ponto de vista psicológico, provoca mudanças profundas da personalidade, alterações no comportamento e atitudes anti-sociais.

Morfina — age sobre o córtex cerebral, aumentando os efeitos inibitórios do organismo. Indivíduos viciados em morfina apresentam perda de apetite, distúrbios digestivos e intestinais. Psicicamente, manifestam uma euforia acentuada, excitação afetiva e diminuição dos reflexos.

Anfetaminas — são drogas estimulantes, utilizadas para combater a fadiga, afastar o sono e para emagrecer. Seu uso continuado pode causar um comportamento agressivo e perturbação mental.

Cocaína — é um fármaco estimulante que, inicialmente, produz bem-estar, disposição física e mental. Depois de passado o efeito, há insônia, angústia e depressão. Os viciados podem sofrer de "loucura cocaínica": delírio, alucinação visual e auditiva e ciúme doentio.

PIRÓLI (1984), por sua vez, apresenta cinco fatores que determinam os efeitos dos tóxicos no indivíduo, quais sejam: (1) tipo de

personalidade; (2) potência do próprio tóxico; (3) frequência e quantidade; (4) prolongamento do consumo e (5) constituição orgânica de cada indivíduo. Relaciona, ainda, alguns efeitos gerais, comuns à maioria das substâncias tóxicas:

- agem sobre o sistema nervoso, provocando manifestações psíquicas, somáticas e neurovegetativas;
- liberam os instintos e tendências inconscientes, ocasionando atitudes contra a dignidade pessoal e contra a sociedade;
- podem levar à libertinagem sexual, causando disseminação de doenças venéreas;
- predisõem a atos de violência e crimes;
- marginalizam os viciados pela diminuição da percepção da autodestruição;
- provocam degradação e destruição pessoal dos drogados, concluindo com a morte prematura;
- levam o dependente, mesmo não querendo admitir, a sentir-se mal e derrotado, reconhecendo que é um escravo da droga.

Como se pode constatar, a dependência às drogas causa não apenas problemas orgânicos e funcionais, mas problemas sociais, envolvendo o indivíduo, a família e a sociedade. Os problemas sociais são amplos e complexos, provocando perdas econômicas para família e sociedade. Também ocorrem manifestações de comportamentos anti-sociais, para a obtenção da droga ou como efeito desta (roubo, homicídio, venda de objetos de valor estimativo para a família, roubo de receituário médico, prostituição), homossexualismo, acidentes automobilísticos e problemas relacionados à saúde pública (hepatite, AIDS, septicemia, infecções), provocados pela aplicação de injeções com material não esterilizado.

AS CAUSAS DO USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA

Não existe uma causa única para o fenômeno do uso abusivo de drogas. As causas são múltiplas e podem ser de ordem geral, socioculturais, particulares ou individuais.

Neste contexto, observa-se que a juventude tornou-se o bode expiatório de uma crise social, na qual se vê sem esperanças e pressionada por um mundo que não compreende e, por isso, não aceita. Os jovens rebelam-se e protestam; os adultos reagem. Ambos falam em abrir o diálogo que, no entanto, continua fechado, e o abismo que os separa se torna cada vez maior.

Talvez se possa considerar que, diante dessa situação, o uso de drogas pelos jovens é uma tentativa errônea de se libertar da angústia e do conflito com os adultos, na busca de identidade em meio a uma sociedade marcada por valores materiais e desumanos.

Toda essa discussão, em torno das causas que levam os jovens à drogadicção, não foge de um dilema filosófico existencialista de nossa sociedade, na qual a juventude permanece em crise, a perguntar por que veio, o que fazer e por que fazê-lo.

PREVENÇÃO AO ABUSO DE DROGAS NA ESCOLA

O uso abusivo de drogas tem aumentado, significativamente, entre crianças em idade escolar e adolescentes. Essa situação se tornou uma das mais graves preocupações dos pais e dos educadores.

Um programa de prevenção ao abuso de drogas, na escola, parece ser o melhor caminho para tentar frear essa alarmante situação, que atinge um grande número de crianças e adolescentes. Várias sugestões são encontradas na literatura sobre o assunto, tentando orientar àqueles que estão preocupados com o problema.

Segundo CHARNOBBAU (1988), MEDEIROS (1987) e KALINA (1987), existe uma convergência na aceitação e recomendação de que o melhor caminho para atacar este problema social é a prevenção.

Também para ROCHA (1986), a melhor barreira é a conscientização, através de uma campanha de esclarecimento e prevenção. Entretanto, alega que tal processo só será possível com a participação efetiva de pais, professores, mestres e líderes religiosos. Além disto, é necessário proporcionar aos jovens melhores condições de vida, trabalho e educação, a fim de preservá-los das doenças, da delinqüência e da dependência.

CARVALHO (1976) recomenda um programa educacional, nos moldes do proposto pelo MEC em 1972, utilizando estudantes universitários para prestar esclarecimentos sobre drogas a estudantes de 1º e 2º Graus (faixa etária de 14 a 18 anos). Sugere, ainda, a criação de um grupo de trabalho para estudar a viabilização de um programa para crianças de 5 a 13 anos, a elaboração de programas específicos para pais e a inclusão deste tema na formação de professores para 1º e 2º Graus.

O NATIONAL INSTITUTE OF DRUG ABUSE – USA (1976) publicou material informativo sobre uso e abuso de drogas, destinado a educadores. As orientações básicas sobre como os pais podem ajudar os filhos a evitar a droga, constantes desse guia e abaixo transcritas, mostram pontos fundamentais a serem levados em consideração:

- a) *conversar* franca e abertamente com os filhos, ouvindo quando eles falam, procurando interessar-se e envolver-se nas suas atividades;
- b) *procurar* saber o que o filho está fazendo e quem são seus amigos;
- c) *ensinar* ao filho que as tensões do dia-a-dia da vida podem ser dominadas sem recorrer à droga;
- d) *dar o exemplo*, não abusando do álcool, do fumo e ou de outras drogas;
- e) *controlar*, em casa, o uso de medicamentos, utilizando-os somente quando orientado pelo médico;
- f) *conhecer* os efeitos das drogas, para poder orientar corretamente.

Recentemente, CARLINI-COTRIM e PINSKY (1989) realizaram uma revisão da literatura internacional, buscando identificar os posicionamentos teóricos (ideológicos e políticos) que orientam os programas destinados a prevenir o abuso de drogas no sistema escolar, basicamente, identificaram três propostas de linhas de atuação na escola: aumento do controle social, oferecimento de alternativas e educação.

Aumento do Controle Social

Esta linha teórica, tendo como principal representante Robert Du Pont, acredita que a origem do aumento do abuso de drogas, assim

como de outros problemas ligados aos jovens (gravidez na adolescência e delinquência juvenil, entre outros), está na rápida diminuição do controle social exercido pelos adultos sobre os jovens. O que motivaria o jovem para essas atitudes seria a busca impulsiva e desenfreada do prazer. As propostas desta linha são de re-instituir a punição, diminuir a tolerância e aumentar o controle sobre os indivíduos. Caberia à escola estabelecer a volta de uma educação mais rígida e um maior controle, diminuindo o campo de autonomia dos jovens. Esta linha é bastante utilizada nos Estados Unidos da América do Norte.

Oferecimento de Alternativas

Este modelo argumenta que a origem do abuso de drogas está nos problemas e tensões sociais enfrentados pelo jovem, que utilizaria a droga como um escape às frustrações e pressões vividas. Assim, essa linha difere das demais por não propor uma intervenção no uso de drogas em si, mas nas condições sociais que oportunizam o estabelecimento do hábito de consumi-las. São exemplos deste enfoque: formação de grupos esportivos atuantes, fora do horário escolar; implantação de programas extracurriculares de instrução profissional; grupos de jovens para discussão de problemas sociais e afetivos.

Educação

Atualmente, a linha de atuação baseada na educação pode ser desenvolvida a partir de seis modelos educacionais:

— Modelo do princípio moral — abuso de drogas é condenável do ponto de vista ético e moral; é sustentado por princípios religiosos ou movimentos políticos, baseados em valores como patriotismo ou sacrifício pessoal pelo bem comum. Atualmente, os estudiosos do assunto acreditam que esse modelo seja contraproducente.

— Modelo do amedrontamento — desenvolvimento de campanhas de informações que expõem somente os lados negativos das drogas. Hoje, esse modelo está bastante desacreditado, pois os jovens possuem muitas informações sobre drogas e seus efeitos; além disso, o jovem tem tendência e atração pelo desafio ao perigo, sentindo-se, de certa forma, cativado pelo consumo da droga.

– Modelo do conhecimento científico – propõe o fornecimento de informações sobre drogas de modo imparcial e científico. A partir dessas informações, os jovens teriam condições de, cientificamente, decidir sobre as drogas. Infelizmente, esse modelo não provocou reduções significativas no uso de drogas, como esperado. Esse modelo é ainda muito utilizado na organização e estruturação de programas educativos mais amplos.

– Modelo da educação afetiva – propõe a modificação de fatores pessoais que são tidos como passíveis de predispor ao uso de drogas. Utiliza um conjunto de técnicas, visando melhorar ou desenvolver: a auto-estima; a capacidade de lidar com a ansiedade; a interação em grupo; a comunicação; a capacidade de resistir às pressões do grupo. A droga não é a questão central, mas tópico de um programa maior. Essa linha de atuação é bastante recente e seus resultados são polêmicos.

– Modelo de estilo de vida saudável – procura promover estilos de vida associados à boa saúde, como: não usar drogas; exercícios físicos; controle da pressão arterial.

– Modelo de pressão positiva do grupo – o grupo serve como fator de influência para não usar drogas. Esse enfoque prega a utilização dos jovens para liderarem os programas de prevenção ao uso de drogas. Esta é uma linha muito recente.

O professor Alberto Rahde, em palestra proferida a 12 de dezembro de 1989, enfatiza a importância da prevenção ao abuso de drogas e situa a escola como uma instituição social fundamental nesta empreitada. Recomenda a adoção do modelo de educação afetiva proposto por CARLINI-COTRIM e PINSKY (1989), de acordo com o qual o educador procura desenvolver a auto-estima do jovem e a sua capacidade de lidar com a ansiedade. A droga deixa de ser o ponto central e procura-se fortalecer no jovem o desenvolvimento de sua personalidade.

CHARBONNEAU (1988) denomina este processo de "pedagogia da prevenção", reafirmando que a política de criar o medo só conseguia despertar a curiosidade do jovem, enquanto uma educação afetiva visa fornecer informação sobre as drogas em caráter global, dirigindo-se à personalidade integral e não apenas a aspectos

cognitivos ou intelectuais, visando o desenvolvimento de uma personalidade física e psicologicamente saudável.

Em um exame simplificado, pode-se observar a prevenção sob dois ângulos: o da oferta e o da procura. O combate à oferta deve ser feito pelos órgãos especializados, controlando ou reprimindo, desde a fonte produtora da droga até sua comercialização. A prevenção da procura é de competência da comunidade, sendo necessária a mobilização da opinião pública. A escola, as universidades e os educadores têm um papel fundamental neste sentido, pois são peças importantes na conscientização de que a procura às drogas pode ser reduzida graças a um melhor atendimento às necessidades humanas básicas e ao aperfeiçoamento da qualidade de vida em cada comunidade.

O caminho da prevenção tem sido reiterado nos vários estudos sobre o uso indevido das drogas na juventude, pois é possível ter-se uma idéia do quanto é difícil o tratamento e recuperação dos dependentes.

O tratamento e a recuperação são processos amplos que vão muito além do usuário e sua família, envolvendo os grupos a que ele pertence e a comunidade toda. Além disso, apesar de indispensável, o tratamento de jovens que já se encontram fármaco-dependentes é medida paliativa que trata as conseqüências e não as causas que levam esses jovens a buscar respostas nas drogas.

O quadro da dependência mostra que o jovem, angustiado e deprimido, vive o presente arrastado, negando o amor ao meio que o cerca, opondo-se ao convívio social e se isolando. Na impossibilidade de dar, de realizar ou de construir, agride, violenta, aniquila e destrói.

Somente a intensificação dos programas de prevenção pode diminuir as chances de nossos jovens mergulharem neste quadro de sofrimento e de vazio.

A psicóloga Ethel Medeiros (1987), em seus estudos sobre o uso indevido de drogas, vem indicando vários pontos que estão ao alcance do professor como forma de prevenir ou contribuir para a prevenção desta prática entre adolescentes. Destacam-se os seguintes:

- Comprometer-se em averiguar a extensão e gravidade do problema, buscando informações científicas e atualizadas sobre os efeitos das drogas.

- Assumir uma atitude de co-responsabilidade pela busca de soluções.
- Engajar-se em ações preventivas e buscar aproximação de outros interessados nas áreas da saúde e educação, bem como líderes cívicos e religiosos, para juntar forças a fim de melhor ajudar o usuário e sua família.
- Ajudar as instituições educacionais a definirem uma política e normas práticas bem claras em relação à posse e ao uso de drogas dentro das instituições nas suas proximidades.
- Estimular e orientar a formação de grupos de pais e jovens empenhados na procura de solução para o problema.
- Ter ciência de que o foco da educação preventiva está nos sentimentos, interesses, emoções e relações interpessoais, tendo como elemento central a confiança em si e a auto-estima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de drogas, para modificar intencionalmente o comportamento do homem ou seu estado de espírito, é um processo que se perpetua através das gerações. A preocupação, atualmente, é com o crescente abuso na sua utilização, deixando de ser um problema individual e ou familiar, passando a ser um mal social que ultrapassa os limites das nações, que independe da situação econômico-financeira e que não tem preconceitos de raça, cor, religião ou sexo.

As crianças e os jovens adolescentes, com todo o seu vigor, sua curiosidade, seu espírito de aventura e sua fragilidade emocional, tornam-se uma presa fácil para tão atraente produto. Especialmente porque, muitas vezes, a opinião e a pressão do grupo de amigos os "empurram" para tal "cilada". A droga é um caminho de ida muito fácil; entretanto, o caminho de volta é infinitamente mais difícil e, muitas vezes, com perdas irreparáveis.

A situação é preocupante. O melhor remédio parece ser, ainda, a prevenção.

Como este estudo mostrou, existem diversas sugestões de atuação. Entretanto, o planejamento e a execução de um programa

preventivo, nesse complexo campo, requerem a atuação de uma equipe multidisciplinar, da qual participem pessoas familiarizadas com atitudes, costumes e recursos locais, e que conheçam o poder destruidor do uso de drogas e os diferentes meios disponíveis para controlá-los. Essas pessoas precisam ter sensibilidade para perceber as peculiaridades de cada situação e selecionar, dentre os modelos de atuação existentes, aquele que melhor se adapte ao momento e situação.

Cabe ressaltar que, apesar de todo o apoio que uma equipe de técnicos possa fornecer, o papel da família e, em especial, dos pais, é de fundamental importância para qualquer programa de prevenção ao uso de drogas. A atenção dos pais para com os problemas de seus filhos, procurando ajudá-los a encontrar soluções, saudáveis e racionais, antes que estes recorram às drogas, é uma conduta que produz efeitos positivos, incapaz de ser superada por um programa educativo tecnicamente perfeito.

É importante que tenhamos claro que o estudo não se esgota e que o conhecimento e as informações sobre as drogas, sua evolução histórica, as causas do desvirtuamento de seu uso, a crise de valores sociais e a crise de identidade de nossos jovens, são apenas o primeiro passo para nos conscientizarmos de que o fenômeno existe.

Finalizando, é justo lembrar que todos os esforços são válidos e importantes quando se trata de prevenir o uso abusivo de drogas. Entretanto, no momento de se optar pelo caminho a seguir, nesta árdua luta, é preciso avaliar todos os riscos e benefícios para não se cair no extremo oposto: o estímulo ao uso de drogas!

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BRENES, Luis Fernando V. e al. Drogas ilícitas entre universitários. *Rev. AMRIGS*, Porto Alegre, v.30, n.2, p.140-43, abr./jun., 1986.
- CARLINI-COTRIM, Beatriz e PINSKY, Ilana. Prevenção ao abuso de drogas na escola: uma revisão da literatura internacional recente. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.69, p.48-52, maio, 1989.
- CARVALHO, João P. de. Dependência a drogas. *Revista Paulista de Hospitais*, São Paulo, v.24, n.12, p.571-74, dez., 1976.
- CHARBONNEAU, Paul-Eugène. *Drogas: prevenção, escola*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- KALINA, Eduardo. *Viver sem drogas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

- KALINA, Eduardo. **Drogadicção II**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- KALINA, Eduardo e KOVALDOFF, Santiago. **Drogadicção indivíduo, família e sociedade**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- MEDEIROS, Ethel Bauzer. **Por que tanto uso indevido de droga?** Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, 1987.
- —. **Como o professor pode ajudar a prevenir o uso indevido da droga?** Rio de Janeiro: Lions Clube do Rio de Janeiro, 1987.
- NATIONAL INSTITUTE OF DRUG ABUSE (USA). O que cada educador deve saber sobre a droga e seu abuso. *Servir*, Lisboa, v.24, n.6, p.259-72, nov./dez., 1976.
- PIRÓLI, Samuel. Toxicomania. *Enfoque*, Bento Gonçalves, v.12, n.52, p.25-33, mar., 1984.
- RAHDE, Alberto. Palestra: **A filosofia na conjuntura atual: evolução do pensamento filosófico e a educação numa visão de contemporaneidade**. Porto Alegre, Seminário de Estudos de Problemas Brasileiros. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — Pos-Graduação em Educação, 12 de dez. 1989.
- ROCHA, Paulo. Tóxicos — uma epidemia, mas curável. *Mundo Jovem*, Porto Alegre, v.24, n.180, p.12-3, abr., 1986.